

DENTADURAS IMEDIATAS SOB O ASPETO SOCIAL E PSICOLÓGICO

Elisabeth Dias Pereira Brito, C. D.
Estagiária na Cátedra de Ortodontia
e Odontopediatria.

(Este trabalho foi apresentado no Simpósio sobre «Dentaduras Imediatas», durante o curso de Didática realizado pelo C.E.O.

Os simposiastas situaram-se na posição de alunos de 4ª série, realizando um trabalho para a 2ª Cadeira de Clínica Odontológica—Departamento de Cirurgia).

A parte que nos coube dêste trabalho é Dentaduras imediatas sob o aspecto social e psicológico.

Estamos aqui como alunos que somos da última série de Curso de Odontologia. Em que pese o interesse e apóio do professor, coordenador dêste simpósio, Prof. Hardy Ebling, devemos, honestamente, confessar que não nos sentimos à vontade para falar aos colegas sobre o assunto em pauta. De fato, Dentaduras não é o nosso forte.

Por outro lado, cumpre-nos dizer que, embora desejando realizar a contento esta missão que nos foi confiada, vimos, infelizmente, crescer dentro de nós um grave proble-

ma: Mêdo. Mêdo de falar aos colegas. Mêdo de pôr-nos em evidência. Mêdo de sentir as atenções voltadas para nós. Mêdo de não corresponder. E isto, julgamos, explica-se pelo fato de, embora já ao apagar das luzes de nosso curso, ser esta a primeira vez que nos foi solicitado (ou determinado, como quizerem os colegas) realizar um trabalho que deva ser apresentado, ouvido e discutido pelos senhores!

Isto nos enche de apreensões! Isto nos fez, inclusive, pensar em fugir, e não aparecer aqui hoje! Isto nos mostra como somos pequena: em nossas reuniões informais, em nossas discussões de estudantes, pa-

receu-nos sempre que a palavra nos fôsse fácil. Hoje, pudemos, experimentalmente, certificar-nos de como ela nos é escassa... por falta de uso... dirigido, orientado. Assim, neste ato de humildade, vai um apêlo aos nossos caros professores que, por ventura, venham a tomar conhecimento das palavras desta quartoanista que vos fala: ensinemos a estudar! Obriguem-nos a utilizar nossas reservas, para que façamos disto um hábito, de tal modo que, quando nos fôr solicitado falar sobre um tema que, obrigatoriamente devemos conhecer, embora como alunos, não nos sintamos presa do mêdo e prêsos a um papel para ler, porque à exposição pura e simples, não fomos habituados.

Procuramos orientar o presente trabalho pelos autores conhecidos de Prótese Dentária e estudando algo de Psicologia aplicada à Odontologia. Também realizamos entrevistas com professores de nossa Faculdade, de modo que trazemos aos colegas, informações que nos foram prestadas pelo assistente de Prótese Dentária, Prof. Eleutério Martins, e pelo catedrático de Higiene e Odontologia Legal, Prof. Celestino Prunes. Ouvimos ainda pessoas portadoras de dentaduras mediatas e imediatas.

Da palestra que mantivemos com êsses professores e com êstes pacientes, e das notas que fizemos, tiramos alguns dados que, aqui, oferecemos aos colegas.

No capítulo referente à Dentaduras imediatas, Saizar tece conside-

rações acêrca das vantagens, desvantagens e limitações de seu emprego. Dalí, anotamos êste período que pareceu-nos dizer tudo em poucas palavras: «O conceito claro de suas limitações não tira a esta prótese seu valor essencial: é o meio de reduzir a tragédia física e psíquica do desdentamento e de permitir a transição da dentadura natural à artificial, sem colapso facial, nem alteração estética desfavorável».

Parece-nos que, do ponto de vista social, ressalta como importantíssimo o fato de a dentadura imediata reduzir, ou melhor, anular o período de tempo desdentado. Êste fator, pensamos, por si só é grande o bastante para indicar êste tipo de dentaduras quando, é claro, a indicação clínica, protética etc., assim o permitir.

A vida moderna, com as obrigações mais diversas que impõe ao indivíduo, não pode permitir que um estado anormal adquirido, oriundo de fatores vários, e que ocorre a êsse mesmo indivíduo no decorrer de sua existência, muitas vezes o encontrando ainda em plena fase de atividade social, trabalho, negócios etc., não pode permitir, repito, um recesso nessas atividades, como condição à adaptabilidade a um tratamento dentário que se faz necessário!

Nêste aspecto, a Odontologia acompanha o progresso das ciências médicas afins, oferecendo à criatura humana, meios mais práticos e evoluídos, condições mais naturais, capazes de realmente permitir ao

indivíduo, que não pode se furtar à inevitabilidade da passagem do tempo, superar, com mais facilidade e menos traumatismo, a essa perda preciosa que a vida lhe impõe, e que, paradoxalmente, ao mesmo tempo, é uma dádiva preciosa: preço que a existência cobra por ser longa e proveitosa.

A título de ilustração, trazemos aqui uma informação que nos foi prestada por um cirurgião-dentista: atende êsse profissional às freiras de uma determinada ordem religiosa. Essas freiras dão sempre preferência às dentaduras imediatas; e não será, supomos, porque as queiram mais estéticas, ou por mera vaidade feminina. Nêste caso particular, ressalta a importância do ponto de vista social, a não solução de continuidade em seus afazeres de religiosas: suas aulas, suas visitas de caridade, suas obras sociais etc., em que necessitam, por força da profissão, estar quotidianamente lidando com o público, estabelecendo relações humanas, dos mais diversos aspectos.

Ainda falando em freiras e não fugindo às nossas dentaduras, mas apenas desejando ressaltar a importância social com que se reveste a vida moderna, em tôdas as suas nuances, lembro aqui, ter ouvido de um colega, cuja irmã pertence à ordem das Irmãs Missionárias, que esta possuindo os cabelos muito lisos e difíceis de arranjar, apresentando às vêzes aspecto pouco apresentável, recebera autorização da madre superiora para que ondulasse os cabelos!

Ora, dizemos nós, se os cabelos mal feitos prejudicam a atividade de uma religiosa, quão mais prejudicial será a uma freira, a uma dona de casa, a um homem de negócio, a um professor, etc., a falta de dentes a que os obrigaria a espera para colocação de uma dentadura artificial, quando a mesma não tenha sido planejada para ser colocada imediatamente!

Outro aspecto que se reveste de suma importância no emprêgo de dentaduras imediatas, é aquele da adaptação à dentadura.

A dentadura imediata permite, como fator primordial a essa adaptação, reunir, em um mesmo período, a dor pós-operatória e a fase de adaptação propriamente dita.

Compreende-se que a dentadura protege a ferida cirúrgica, o que faz diminuir a dor, e normalmente passado o pós-operatório, o paciente como que então se dá conta de que já não possui aqueles dentes feios, que doíam, que encomodavam, que não lhe deixavam dormir bem, nem lhe deixavam comer bem... E, em lugar deles, agora, dentes sãos, que não dóem, que não encomodam, que são estéticos, que lhe permitem rir, inclusive...

Daí, porque os autores são unânimes em observar que o alcance do emprêgo das dentaduras imediatas «é de índole moral, psíquico e social».

Dentro do aspecto social ainda devemos lembrar o problema econômico quanto ao paciente: embora a dentadura imediata não possa ser definitiva e o cliente deva ser in-

formado que passados tantos ou quantos meses ela deverá ser readaptada, modificada, ou ainda, para melhor adaptação e comodidade, se faça necessária uma 2.ª dentadura, mesmo assim será mais econômico para o paciente fazer logo a sua dentadura, do que ter de submeter-se hoje a um certo tipo de tratamento, com restaurações e próteses parciais, algumas vezes bastante dispendiosas, e, passados 2 ou 3 anos, ter novos gastos, para só então resolver definitivamente o seu problema. Este caso, ressaltamos, é evidente, quando através de todos os exames preliminares ficar estabelecido que os elementos dentários, de que é portador o paciente, apresentam um prognóstico sombrio, que embora bem tratados e restaurados, não possam ser conservados, senão por um tempo mínimo. Será então o caso de resolver definitivamente o problema. Em alguns países, citamos os Estados Unidos, as dentaduras imediatas são largamente difundidas, justamente porque as restaurações são bastante caras, e o paciente, através de elucidação conciente e honesta do profissional, esclarecimento tanto do ponto de vista econômico, quanto da realidade de seu estado dentário, prefere opinar pela dentadura imediata, a ter de fazer dois gastos em pequeno espaço de tempo.

O aspecto psicológico do assunto que vimos tratando envolve problemas bastante interessantes e profundos que mais propriamente seriam desenvolvidos por alguém es-

pecializado, que por um aluno. De qualquer forma, como dissemos inicialmente, procuramos ler e ouvir pessoas que nos pudessem auxiliar, a fim de trazer aos colegas uma contribuição, neste simpósio.

O indivíduo que senta à cadeira operatória e reclama do profissional um atendimento é um ser altamente complexo. Não é apenas um homem que sofre fisicamente, que tem dor de dentes, que os possui em mau estado e que precisam ser restaurados ou substituídos. Não é um homem que deva ser olhado apenas por seu sofrimento físico. É sim um homem total, corpo, mente e alma, que funcionam e reagem concomitantemente. E, cada dia mais, hoje mais que ontem, amanhã mais que hoje, provam os estudiosos, os observadores, os psicólogos, os psicanalistas, que as reações sobre o corpo do indivíduo são enormes e imprevisíveis quando sua mente, seu psiquismo está perturbado e doente; e vice-versa, quanto de alterações concientes e inconcientes se processam na mente de um homem cujo corpo está enfermo!

Diz Ryan, em seu livro «Fundamentos psicobiológicos em Odontologia» «uma magnífica promessa se oferece ao homem que sofre, no novo campo da medicina psico-somática».

É ainda Ryan que nos leva a dizer: se cada odontólogo soubesse mais sobre a constituição hereditária e ambiental de seu paciente, trazida num comportamento emocional sui-generis, muitos diagnósticos e planos de tratamento seriam ra-

dicalmente alterados. E, na prática, isto se traduz pelos diversos tipos de pacientes: é aquele que se adapta a um tipo de tratamento com uma pequena ajuda do profissional; outro que necessita ser fortemente apoiado para aliviar seus temores, sua dor; outro que é indiferente e aceita tudo; e os há que resistem a qualquer argumento, e, embora tendo vindo à consulta, ouvem e recebem com desconfiança tudo o que lhe dizem ou lhe dão.

Há pacientes jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres, felizes e infelizes, maduros e imaturos, e, o cirurgião-dentista, embora não tendo a responsabilidade de tratar o lado emocional do paciente que lhe vem à consulta, pode, se emocionalmente equilibrado, realizar o trabalho que lhe cabe, de modo a satisfazer melhor o paciente, porque deve compreendê-lo melhor, porque o compreendendo ou tendo conhecimento dos aspectos psicológicos inerentes à criação humana, pode contribuir para lhe dar um pouco mais de felicidade.

Transportando-nos para o terreno que vimos tratando, não podemos dizer aos colegas, categoricamente, que a dentadura imediata ofereça vantagens, do ponto de vista psicológico, sobre as dentaduras mediatas. Ambas são dentaduras... e este é o problema!

O problema de usar uma dentadura, seja ela mediatas ou imediatas, é vivido pelo paciente de modo altamente subjetivo, com implicações de ordem psíquica, e não pode o

cirurgião-dentista esperar que o fato de ter feito a substituição dos dentes naturais por artificiais, sem solução de continuidade, seja o suficiente para criar condições psicológicas favoráveis de parte do paciente, de tal modo que ele aceite plenamente esses novos dentes, que não estão presos na bôca e que não são os mesmos que, em sua fantasia, lhe conferem aqueles poderes de virilidade, de agressividade e defesa próprias à criatura.

O problema real para o paciente não é a dentadura em si. É sim a perda de seus dentes. Simbolicamente, através dos sonhos, a perda dos dentes é vivida em um plano superficial como castração. Do mesmo modo, é vivida pelo indivíduo qualquer perda que ele sofra, através da existência. Em um plano mais profundo, a perda dos dentes é uma regressão à primeira infância, quando os dentes ainda não tinham «nascido»; quando o indivíduo ainda não possuía essas «armas de agressividade»; ao mesmo tempo essa regressão, em sua fantasia, tira-lhe a responsabilidade de adultos — é a volta à infância com todas as suas prerrogativas.

Ora, sendo este, no sonho, na fantasia, o significado intrínseco da perda dos dentes, quanto de angústia, de depressão poderá viver o indivíduo que se vê em face de perdê-los real e definitivamente!

Pensamos que todo o paciente que necessite usar uma dentadura artificial deva receber anteriormente um preparo. Dependendo da idade do paciente a necessidade desse

preparo será maior ou menor. Mas jamais será desprezada!

Talvez um paciente idoso encare com menor relutância a necessidade de substituir seus dentes doentes, — ou repôr os faltantes — por uma dentadura. O jovem, que se vê na contingência de perder os dentes, encara essa perda como um símbolo de declínio de seus poderes físicos, e, sabemos que tudo o que representa falta de virilidade é visto com grande resistência pelo jovem.

Contudo, não devemos estabelecer esta diferença como definitiva na aceitação da perda: também os velhos, talvez por isso mesmo, porque se dêem conta que a perda dos dentes faz parte do processo de envelhecimento que estão vivendo, apresentem grande resistência e sofram atrozmente essa experiência que a vida lhes impõe.

Este preparo que falamos, contudo, — não no iludamos — poderá apenas **atenuar**, e talvez mais precisamente, **mascarar** a situação de perda vivida pelo paciente. São inúmeras as histórias de pacientes que fazem 3, 4 e mais dentaduras e nunca se adaptam a elas. Ou então mudam de profissional, julgando que aquele anterior não soube fazer a dentadura certa para a sua boca. Já se vê que o profissional nestes casos sempre é o culpado.

É, pois, para salvaguardar a sua responsabilidade, cortar ou diminuir as queixas que cairão sobre si, que o cirurgião-dentista deve falar claramente ao paciente, preparando-o para receber a dentadura,

apontando-lhe com clareza a realidade do estado atual de sua boca, dizendo-lhe o que êle pode e o que não pode esperar da dentadura.

A dentadura imediata é um passo que se pretende dar para **atenuar** a perda, precoce ou não, dos dentes. Ela poderá, talvez **envolver de tal modo** o paciente, do ponto de vista da função que é imediatamente substituída e refeita, da aparência que não se modifica, da comodidade que é mais facilmente alcançada, da adaptabilidade progressiva, enfim, poderá, dizíamos, envolver de tal modo o paciente que êle consiga com menor traumatismo, superar esta nova experiência e, inclusive, sentir-se com necessidade de cooperar, a fim de alcançar uma adaptabilidade melhor e mais rápida.

E' importante quando se alcança isto, que o paciente poderá se sentir tão bem com a sua dentadura, que terá a satisfação interior ou melhor dizendo, a ilusão de julgar que a alteração que sofreu não foi notada pelas pessoas com quem convive. E isto é deveras notório, não pelo fato em si, que hajam notado ou não, mas sim pela bagagem emocional positiva que poderá representar para êle, ter vencido tão galhardamente essa perda.

Nós chamamos a atenção dos colegas para o fato, de intencionalmente termos deixado êste aspecto psicológico muito no «talvez».

Não fazemos afirmações. E deixamos uma interrogação em suspenso, para ser usada a todo o momento.

Parece-nos que cabe ainda falar no emprêgo da anestesia geral na cirurgia que precede à colocação da dentadura imediata. Alguns profissionais preferem êste tipo de anestesia porque -- dizem -- o paciente ao acordar já se encontra com os novos dentes; «fugiu», por assim dizer, ao trauma do desdentamento. Nós acreditamos que seja local, geral, ou «sem anestesia», o paciente vive do mesmo modo a perda e substituição de seus dentes -- o problema é subjetivo, e não poderá ser mascarado com tanta ingenuidade, por assim dizer. Haja vista que o indivíduo, mesmo conseguindo enganar ao próximo (com uma dentadura imediata e perfeitamente caracterizada), muito tempo depois de tê-la na boca, ainda foge do espelho. Por que será? Para êle, para a sua conversa de si para consigo, êle perdeu, e nisto reside a fuga.

O problema da mutilação irreversível existe. Acentuamos: a maneira de reagir a esta mutilação é pessoal e interna, e depende, essencialmente, do grau de maturidade do paciente, de sua compreensão e aceitação dos direitos, deveres e limitações inerentes ao indivíduo, nas diversas fases de sua existência.

Quer-nos parecer que o indivíduo que viveu plenamente sua condição de adulto, que cumpriu as obrigações e viveu os direitos de adulto, está mais capacitado a enfrentar a velhice, com suas prerrogativas boas ou más.

Ao profissional adulto cabe dar

tudo de si, procurando atingir as necessidades físicas e psicológicas de seu paciente, sem, contudo, comprometer-se com promessas que não poderão ser alcançadas, pois pertencem à bagagem íntima de cada um.

Concluindo e recordando: do ponto de vista social, o emprêgo de dentaduras imediatas oferece vantagens marcantes sobre as mediatas; do ponto de vista psicológico, oferecemos aos colegas aquela interrogação que falamos há pouco...

E era isto o que desejava comunicar aos senhores.

SYNOPSIS

This work was presented in the symposium on immediate dentures, during the course of Didatics organized by C.E.O. (Centro de Estudos Odontológicos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RYAN, Edward J. — *Fundamentos psicobiológicos en odontologia*. Buenos Aires, Mundí, 1950. 159 p.
2. SAIZAR, Pedro — *Prótese a placa*. 6.ed. Buenos Aires, Progreñtal, 1958. 863 p.
3. SEARS, Victor H. — *New teeth for old*. St. Louis, Mosby, 1952.
4. SWENSON, Merryl G. — *Dentaduras completas*. 2.ed. Mexico, UTEHA, 1955. 681 p.
5. Curso de psicologia aplicada, ministrado na SORIGS em 1961.
6. Entrevistas com professores e pacientes.